



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Do Percurso Acadêmico à Defesa de Mestrado: narrativas (auto)biográficas de trajetórias, afetos e pesquisa

From Academic Career to Master's Thesis Defense:
(auto)biographical narratives of trajectories, affections, and research
De la trayectoria académica a la defensa de la tesis de máster:
narrativas (auto)biográficas de trayectorias, afectos e investigación

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira
Kelly Almeida de Oliveira
Joelson de Sousa Moraes
Waldênia Leão de Carvalho

RESUMO

Este artigo apresenta uma narrativa (auto)biográfica do percurso acadêmico do primeiro autor, com ênfase no processo formativo que culminou na defesa do mestrado. Partimos da seguinte questão de pesquisa: de que maneira as vivências pessoais, permeadas por afetos e desafios, configuram a construção do conhecimento acadêmico e a própria constituição identitária da pessoa pesquisadora? O objetivo é refletir sobre como experiências pessoais, afetos e desafios vividos durante a trajetória de pesquisa influenciam a construção do conhecimento e a identidade profissional docente. O estudo inscreve-se no campo da pesquisa (auto)biográfica e assume a pesquisa-formação como perspectiva teórico-metodológica, que compreende o ato de narrar como exercício formativo de reflexão, interpretação e transformação de si. Ao revisitar momentos significativos: preparação, ensaios, interação com a banca, presença de familiares e convidadas/os, tensões e emoções, a narrativa é analisada em diálogo com o campo (auto)biográfico, evidenciando movimentos de singularização/conformização, responsabilização/dependência e interioridade/exterioridade. Os resultados mostram que o percurso do mestrado produziu aprendizagens que ultrapassam a dimensão acadêmica, ao tensionar modelos formativos centrados exclusivamente na racionalidade e favorecer processos de (re)construção identitária. Concluímos que narrar a experiência constitui, simultaneamente, produção de conhecimento e formação,

tornando visíveis dimensões afetivas, sociais, relacionais e existenciais que participam da constituição da pessoa pesquisadora.

Palavras-chave: pesquisa-formação; narrativa (auto)biográfica; trajetória acadêmica; identidade.

ABSTRACT

This article presents a (self)biographical account of the first author's academic journey, with an emphasis on the educational process that culminated in the defense of his master's thesis. We begin with the following research question: How do personal experiences—shaped by emotions and challenges—shape the construction of academic knowledge and the very formation of the researcher's identity? The objective is to reflect on how personal experiences, emotions, and challenges encountered during the research journey influence the construction of knowledge and the professional identity of the researcher. The study falls within the field of (auto)biographical research and adopts research-as-formation as its theoretical-methodological perspective, understanding the act of narrating as a formative exercise in reflection, interpretation, and self-transformation. By revisiting significant moments—preparation, rehearsals, interaction with the examination committee, the presence of family members and guests, tensions, and emotions—the narrative is analyzed in dialogue with the (auto)biographical field, highlighting dynamics of singularization/conformity, autonomy/dependence, and interiority/exteriority. The results show that the master's program produced learning experiences that extend beyond the academic dimension, challenging educational models centered exclusively on rationality and fostering processes of identity (re)construction. We concluded that narrating one's experience constitutes both the production of knowledge and a form of learning, as it brings to light the affective, social, relational, and existential dimensions that contribute to the formation of the researcher as a person.

Keywords: research-formation; (auto)biographical narrative; academic trajectory; identity.

RESUMEN

Este artículo presenta un relato (auto)biográfico de la trayectoria académica del primer autor, haciendo hincapié en el proceso formativo que culminó con la defensa de la tesis de máster. Partimos de la siguiente pregunta de investigación: ¿de qué manera las experiencias personales, marcadas por los afectos y los retos, configuran la construcción del conocimiento académico y la propia constitución identitaria del investigador? El objetivo es reflexionar sobre cómo las experiencias personales, los afectos y los retos vividos a lo largo de la trayectoria investigadora influyen en la construcción del conocimiento y en la identidad profesional docente. El estudio se inscribe en el campo de la investigación (auto)biográfica y adopta la investigación-formación como perspectiva teórico-metodológica, entendiendo el acto de narrar como un ejercicio formativo de reflexión, interpretación y transformación de uno mismo. Al repasar momentos significativos —la preparación, los ensayos, la interacción con el tribunal, la presencia de familiares e invitados, las tensiones y las emociones—, la narrativa se analiza en diálogo con el campo (auto)biográfico, poniendo de manifiesto movimientos de singularización/conformización, responsabilización/dependencia e interioridad/exterioridad. Los resultados muestran que el recorrido del máster ha generado aprendizajes que trascienden la dimensión académica, poniendo en tela de juicio los modelos formativos centrados exclusivamente en la

racionalidad y favoreciendo los procesos de (re)construcción identitaria. Llegamos a la conclusión de que narrar la experiencia constituye, al mismo tiempo, una forma de generar conocimiento y de formación, al poner de manifiesto las dimensiones afectivas, sociales, relacionales y existenciales que intervienen en la formación de la persona investigadora.

Palabras clave: investigación-formación; narrativa (auto)biográfica; trayectoria académica; identidad.

Primeiras palavras: o ato de narrar

Narrar é um gesto humano tão antigo quanto o próprio ato de viver. Desde os primeiros agrupamentos humanos ao redor do fogo até as conversas rápidas nas redes sociais, estamos constantemente contando histórias. Algumas vezes, narramos fatos que vivemos; outras, reproduzimos acontecimentos que ouvimos, lemos ou imaginamos. Esse movimento, consciente ou não, nos coloca na posição de narradoras e narradores, tradutoras/es de experiências, mediadoras/es entre a realidade e a linguagem (Bruner; Weisser, 1995; Delory-Momberger, 2014).

O ato de narrar não se limita à simples transmissão de eventos. Ele envolve escolhas: o que contar, como contar, para quem contar. Cada detalhe selecionado, cada pausa ou silêncio, constrói sentidos que ultrapassam o conteúdo objetivo da história. Narrar é, portanto, um exercício de interpretação do mundo, em que a memória, a emoção e a imaginação se entrelaçam para dar forma àquilo que foi/é/será¹ vivido ou sonhado. Um momento de trocas e intercâmbios, em que a/o narradora/or e as pessoas ouvintes/leitoras compartilham saberes, experiências e sentidos, estabelecendo um diálogo vivo e recíproco (Benjamin, 2012).

Ao narrar, deixamos marcas de nós mesmos nas histórias e, ao mesmo tempo, permitimos que elas nos transformem. É nesse trânsito entre o eu e a/o outra/o, entre o vivido e o contado, que se cria um espaço de partilha e de

¹ No decorrer deste texto, optamos por utilizar diferentes tempos verbais (passado, presente e futuro), bem como por empregar termos separados por barras (/) como uma estratégia de desobediência epistêmica. Além disso, utilizamos primeiramente os termos no feminino, realizando a flexão de gênero somente após o uso da barra, como forma de evidenciar a centralidade do feminino em nossa escrita. Essas escolhas buscam questionar e subverter as normas rígidas do academicismo que permeiam o ambiente acadêmico, o qual muitas vezes assume uma postura colonizadora. Ao adotar essa postura, desafiamos a hegemonia de uma linguagem acadêmica que limita a diversidade de formas de expressão e conhecimento.

construção coletiva de sentidos. Mais do que um registro de acontecimentos, a narrativa é um ato de presença no tempo e no espaço: um modo de existir, resistir e dar continuidade à experiência humana. Narrar é mais do que organizar palavras; é dar forma ao fluxo das experiências, permitir que o passado e o presente, e até mesmo o futuro, conversem, e que sentidos ocultos se revelem. Ao escrever ou narrar, a pessoa narradora se dispõe a atravessar memórias, afetos e tensões, transformando vivências em aprendizado e reflexão. A narrativa se torna um espaço de articulação entre vida e conhecimento, em que a pessoa emerge não só como narradora/or, mas como agente de sua própria história ou de outrem.

No campo das ciências humanas, diversas linhas de pesquisa têm destacado a relevância das narrativas (auto)biográficas como instrumentos fundamentais na formação da identidade e na compreensão do processo de individuação. Essas investigações colocam a pessoa e sua subjetividade como elementos centrais da produção de conhecimento, ao reconhecer que as experiências pessoais e os relatos de vida não só enriquecem a pesquisa, mas oferecem perspectivas únicas sobre os contextos sociais e culturais em que estamos inseridas/os (Josso, 2004; Abrahão, 2004).

A abordagem biográfica [...] permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. Para perceber como essa formação se processa, é necessário aprender, pela experiência direta, a observar essas experiências [...] (Josso, 2004, p.39).

Nesse contexto, a narrativa (auto)biográfica assume um papel central: não se trata apenas de relatar fatos, mas de inscrever no texto a própria experiência formativa. Ao compartilhar momentos de preparação, ensaios, desafios e emoções vivenciadas durante o percurso acadêmico, as/os pesquisadoras/es permitem que a pessoa leitora acesse dimensões afetivas, sociais e emocionais que normalmente permanecem invisíveis. Assim, a narrativa (auto)biográfica não é apenas um método de registro, mas um gesto inédito de reflexão e resistência, capaz de transformar a própria trajetória formativa em conhecimento, uma vez que oferece uma visão íntima, crítica e reveladora do processo de construção acadêmica.

Isso é fruto da sua capacidade extraordinária que essas abordagens provocam e permitem efetuar-se na vida de quem dela se apropria, como também do universo gigantesco que sempre vai desdobrando-se em novidades que não cessam, e que vão descortinando-se em novos modos de aprender, conhecer, saber, fazer, e, principalmente, ser e deixar-se embalar pelos cantos e encantos que as narrativas entoam (Morais, 2024, p. 12).

Buscamos compreender a narrativa para além do registro de acontecimentos, passamos a percebê-la como um espaço de reflexão e transformação. Narrar torna-se, assim, um ato de organização do pensamento, de ressignificação das experiências e de diálogo íntimo entre afetos, memória e identidade.

Ao registrar sentimentos, dúvidas e percepções, a/o pesquisadora/or se coloca como agente ativa/o na produção de conhecimento, pois demonstra como emoções e reflexões pessoais atravessam a compreensão do mundo e da própria trajetória. Essa postura evidencia que narrar é simultaneamente um exercício de análise e de criação, em que o sentido do vivido emerge da articulação entre a experiência e a reflexão crítica.

No entanto, engana-se quem pensa que trabalhar com a narrativa (auto)biográfica é fácil “[...] embora seja popular e envolvente, é difícil [...] Os dados narrativos podem facilmente parecer esmagadores: suscetíveis a intermináveis interpretações, por sua vez, triviais e profundamente significativos” (Andrews; Squire; Tamboukou, 2008, p. 01). Essa observação evidencia o desafio intrínseco das pesquisas narrativas: a riqueza e a complexidade dos relatos podem se tornar simultaneamente uma força e um obstáculo. A abundância de detalhes, experiências e afetos presentes nas narrativas exige da/o pesquisadora/or sensibilidade e rigor interpretativo, de modo a reconhecer os significados sem se perder em leituras superficiais ou excessivamente fragmentadas. Assim, trabalhar com dados narrativos demanda atenção às histórias contadas e uma postura ética e reflexiva, que valorize a singularidade da pessoa e o contexto em que suas experiências se desenrolam.

Por essa razão, situamos este estudo na perspectiva da pesquisa-formação. Nessa compreensão, narrar, rememorar e interpretar a própria trajetória constituem movimentos inseparáveis de investigação e formação: ao produzir a narrativa, a pessoa pesquisadora também se interroga, reconhece

aprendizagens, revê posicionamentos e produz novos sentidos sobre si e sobre o percurso vivido. A experiência narrada deixa, portanto, de ser apenas matéria empírica e passa a operar como experiência formadora (Josso, 2004; Delory-Momberger, 2014; Moraes, 2024).

Assumir a pesquisa-formação implica reconhecer que a subjetividade não é um ruído a ser eliminado em nome de uma pretensa neutralidade, mas uma dimensão constitutiva do conhecimento produzido. Esse deslocamento tensiona modos de formação historicamente sustentados pela separação entre razão e emoção, objetividade e subjetividade, vida e conhecimento.

Na abordagem (auto)biográfica, as dimensões da existencialidade, aquilo que fazemos, sentimos, pensamos, desejamos e nos tornamos nas relações com o mundo e com as/os outras/os, se apresentam como matéria legítima de formação. Assim, a análise desenvolvida neste artigo procura compreender o que esses acontecimentos fizeram comigo e como, ao narrá-los no presente, produzo outras compreensões sobre minha identidade e minha formação (Josso, 2004).

A questão central que orienta esta pesquisa parte da inquietação: de que maneira as vivências pessoais, permeadas por afetos e desafios, configuram a construção do conhecimento acadêmico e a própria constituição identitária da pessoa pesquisadora? Essa indagação reconhece que a pesquisa não se dá em um território neutro ou asséptico; ela é atravessada por emoções, memórias e contextos que influenciam a forma como a/o pesquisadora/or observa, interpreta e escreve sobre o mundo. Assim, pensar sobre o papel das experiências pessoais no processo investigativo significa admitir que todo ato de pesquisa carrega, em maior ou menor medida, a marca subjetiva de quem a/o realiza.

O objetivo, portanto, é refletir sobre como as trajetórias individuais/coletivas, com seus afetos, dificuldades e descobertas, interferem e dialogam com a produção de saberes e com a formação identitária da/o pesquisadora/or ao longo do percurso acadêmico. Trata-se de compreender que, na construção do conhecimento, não há separação absoluta entre a pessoa que pesquisa e o objeto pesquisado; há, sim, um entrelaçamento de histórias, perspectivas e emoções. Ao lançar luz sobre esse entrecruzamento, busca-se evidenciar a relevância da dimensão subjetiva na pesquisa e valorizar a

singularidade de cada percurso como parte constitutiva e legítima do fazer científico.

Dessa forma, estruturamos este artigo de maneira a conduzir a pessoa leitora por um percurso que combina reflexão teórica e narrativa pessoal. Iniciamos com esta breve introdução, na qual apresentamos o tema central, explicitamos a questão de pesquisa, delineamos o objetivo e descrevemos a metodologia empregada. Em seguida, na seção *“Memórias de um Caminhar”*, trazemos o memorial do primeiro autor, que resgata momentos significativos da trajetória acadêmica e pessoal, evidenciando como experiências, afetos e desafios se entrelaçam na construção do conhecimento.

Na sequência, em *“Furacão Silencioso: O Ritual da Defesa”*, o primeiro autor narra de forma (auto)biográfica o dia da defesa do mestrado, ao expor os atravessamentos, sentidos e emoções que marcaram esse momento singular, tanto no plano acadêmico quanto no pessoal. Por fim, na seção conclusiva *“Narrar para Compreender”*, reunimos as reflexões finais, apontando as contribuições desta narrativa (auto)biográfica à compreensão da relação entre trajetória, afetos e pesquisa, bem como os aprendizados que emergem desse entrelaçamento.

Memórias de um caminhar²

Permita que eu fale. Não as minhas cicatrizes. Elas são coadjuvantes. Não, melhor, figurantes! Que nem devia tá aqui. Por fim, permita que eu fale. Não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem. É o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir (Emicida, 2019. Canção: AmaRelo).

Minha jornada começa em uma família de valores cristãos protestantes, em que, apesar do amor e dos princípios, a aceitação da diversidade sexual e de gênero nem sempre era fácil de alcançar. Em um mundo onde as cores se misturam e se encontram, onde o colorido por vezes precisa ser silenciado, eu enquanto corpo preto repleto de força, determinação e ancestralidade, inicio a

² Este memorial corresponde a um recorte da pesquisa de mestrado do primeiro autor, intitulada *“Corpos (In)Dóceis: diversidade sexual e de gênero em uma escola cívico-militar no Maranhão”* (Ferreira, 2024) que foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em 15 de dezembro de 2023, sob o número de controle **CAAE: 76600423.0.0000.5087**.

minha (auto)construção e descoberta. Após vários mergulhos (auto)reflexivos na busca de me compreender e encontrar coragem dentro de mim e me aceitar plenamente, decidi compartilhar minha verdade com minha amada família. Encontrei coragem dentro de mim, aos 18 anos, para me assumir *gay*, e enfrentei o desconhecido com a convicção de que o amor é universal e não conhece barreiras. O amor, que por vezes era difícil de se materializar, surgiu e passou a permear minha família, pois permitiu encontrar maneiras de transcender barreiras e preconceitos.

Ao revisitar esse contexto familiar, percebo que minha constituição identitária não ocorreu de forma isolada, mas na tensão entre pertencimento e diferenciação. À luz de Josso (2004), esse movimento pode ser compreendido pela dialética singularização/conformização: ao mesmo tempo em que os grupos de pertencimento oferecem referências, valores e modos de existir, as pessoas produzem movimentos de singularização para afirmar aquilo que reconhecem como próprio.

Narrar, hoje, a busca por aceitação, o silenciamento do “colorido” e o processo de me assumir, permite compreender que minha formação se fez justamente nessa tensão entre corresponder às expectativas do/a outro/a e construir uma identidade para mim. A narrativa, portanto, recupera uma lembrança e torna inteligíveis os processos pelos quais fui aprendendo a me posicionar diante das normas que atravessavam minha existência.

No ano de 2006, ingressei na Escola Agrotécnica Federal do Maranhão – *campus* Maracanã, atualmente Instituto Federal do Maranhão – *Campus* Maracanã (IFMA), onde cursei meu Ensino Médio e concomitantemente o curso Técnico em Agropecuária. Recordo-me com muita clareza o quanto eu odiava as aulas de biologia e o quanto a professora dessa disciplina me causava estranheza, repulsa e medo toda vez que ela fitava o seu olhar de reprovação sob o meu corpo preto e *gay*.

Concluí o Ensino Médio no ano de 2009 e no ano seguinte passei a estudar em um cursinho preparatório para o vestibular, em que havia um professor que lecionava a disciplina de biologia e que me fez olhar sob outra perspectiva tal matéria. Em 2011, ingressei na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas. Nessa

época, em um semestre entrava uma turma para o bacharelado e no outro para a licenciatura.

Assim iniciei a minha vida acadêmica no ensino superior. No entanto, no decorrer do curso, percebi que me sentia deslocado nas aulas laboratoriais e que meu coração não palpitava aceleradamente quando eu estava trancado em um laboratório. Até que, um dia, vi estampado em uma porta um informe sobre os encontros do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) coordenado, naquela época, pela professora doutora Mariana do Valle. Fui em um dos encontros como ouvinte e saí de lá com a certeza de que tinha encontrado o meu lugar, eu queria ser professor.

Esse período também evidencia a dialética responsabilização/dependência discutida por Josso (2004), uma vez que a necessidade de trabalhar para contribuir com a manutenção familiar coexistia com a dependência de condições materiais, institucionais e relacionais que eu não controlava. Assumir responsabilidades, decidir permanecer na formação e buscar caminhos para tornar-me professor foram movimentos de autonomização produzidos dentro de limites concretos. Ao narrar essa passagem, compreendo que a formação não se reduz às aprendizagens curriculares: ela envolve aprender a gerir a coexistência entre escolhas pessoais e condicionantes sociais, entre aquilo que desejo projetar para mim e aquilo que as circunstâncias exigem de mim.

Com as obrigações da vida adulta, tive a necessidade de começar a trabalhar, pois minha mãe e meu pai naquele momento, não tinham condições de manter a casa, meus irmãos e minha vida acadêmica. Foi quando iniciei a minha trajetória lecionando como professor de ciências, embora cursando bacharelado. Mesmo com meu entusiasmo e vontade de agregar valores e conhecimento ao processo do ensino aprendizagem nas turmas em que lecionava, percebi que me faltava aporte teórico nos procedimentos pedagógicos, já que na matriz curricular do meu curso não havia disciplinas pedagógicas. Tentei dialogar com a coordenação do curso, mas só poderia trocar a modalidade para licenciatura caso eu refizesse o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio e ingressasse novamente. Como esse processo de preparação é penoso e muito estressante, resolvi não refazer este teste.

Logo em seguida, o Instituto Federal do Maranhão – *Campus* Monte Castelo (IFMA) lançou um edital de transferência externa em que disponibilizava uma vaga para o curso de licenciatura em biologia no período noturno. Vi esse edital como um “colete salva-vidas”, me apeguei a essa possibilidade com toda força e me lancei mar a dentro. Logrei êxito nesse seletivo e ingressei no IFMA, em 2014. Lá conheci a professora doutora Isabela Mendonça, que foi quem durante o curso me ensinou a engatinhar, dar as primeiras braçadas e a mergulhar mares mais profundos nos estudos na área da educação juntamente com o grupo de pesquisa do Laboratório em Ensino de Ciências e Biologia (LECBIO), coordenado por ela.

Porém, como em toda boa história, os rumos da minha trajetória começaram a se transformar. Em 2017, foi lançado o edital do concurso para a seleção de Soldados Combatentes da Polícia Militar do Maranhão – PMMA. A priori, confesso que a abertura do edital não me entusiasmou, tendo em vista, que até então eu tinha uma visão muito preconceituosa a respeito de tal instituição. Com muita insistência de uma amiga, também bióloga, e por conta de uma aposta, me inscrevi no concurso e para minha surpresa, mesmo não me preparando para a prova, acabei passando dentro do número de vagas. Conversei com meu pai, falei que havia passado e que não queria dar continuidade no processo do certame, pois eu estava com medo. Ele, com o seu jeito simples e brincalhão, me potencializou/encorajou a continuar.

Iniciei o curso de formação de soldados da PMMA, com duração de seis meses, com muita determinação e coragem, passei a pronto³ e incorporei nas fileiras da briosa Polícia Militar do Maranhão no ano de 2018. Fui lotado em um batalhão de policiamento comunitário onde, no primeiro ano, realizei serviço como motorista de viatura de área. Em seguida, fui transferido para uma seção administrativa no batalhão.

Com um ano de serviço prestado à corporação, decidi juntamente com o meu marido, selar nosso amor com as formalidades do casamento. Como qualquer outra/o policial, solicitei a licença nupcias para celebrar o início de uma nova jornada ao lado do meu esposo. Recebi meus merecidos oito dias de

³ O termo militar empregado para descrever o momento em que uma/um aspirante a soldado conclui com êxito o curso de formação e ascende à graduação de soldado.

descanso e nos preparamos para desfrutar de momentos inesquecíveis juntos em uma viagem.

No entanto, em meio à alegria e ao amor, fui confrontado com uma triste realidade. “*Prints*” de uma foto nossa, no fórum onde casamos, foram divulgados em vários grupos da polícia militar, acompanhados de comentários carregados de maldade e desrespeito.

A “maldade e o desrespeito” se estenderam para além das palavras escritas nos grupos do serviço e comecei a receber, também, ameaças aleatórias de colegas de farda em minhas redes sociais. Com medo e com o coração ferido, decidi excluir uma das minhas redes sociais temporariamente. Foi uma medida de autopreservação, mas não permiti que o ódio e o medo me definissem.

Ergui a cabeça, consciente do meu valor enquanto ser humano, e parti para desfrutar das minhas tão merecidas núpcias. Com coragem e dignidade, eu e meu marido nos entregamos à felicidade que havíamos construído juntos. O tempo passou rápido demais, e logo retornei à minha função na corporação. Voltei com uma força renovada, prontamente determinado a exercer minha função com ainda mais dedicação e empenho. Sabia que minha orientação sexual não diminuía minha capacidade como militar.

No início do ano de 2018, a vida novamente me presenteou com uma experiência transformadora. Em meio ao meu leito familiar, um corpo trans emergiu, cheia de coragem e autenticidade, trazendo consigo uma nova forma de ser e de se expressar. Como uma pessoa *gay*, já assumido, meus familiares, movidos por uma mistura de curiosidade, preocupação e desinformação, se aproximaram de mim, para buscar entendimento e uma maneira de explicar o que estava acontecendo. O povo pensa que a gente é uma “espécie de Wikipédia” Preto/LGBTQAPN+, que sabemos de tudo sobre tais assuntos.

Porém, naquele instante de reflexão, percebi que carregava em mim vestígios de preconceitos enraizados, e também, muita falta de informação. Fui tomado por um turbilhão de emoções, uma mistura de medo, incerteza e até mesmo ignorância. No entanto, sabia que era hora de transformar esses sentimentos em compreensão e apoio.

Decidi buscar conhecimento e informação, para que pudesse compreender e apoiar verdadeiramente a jornada de minha prima. Foi então que

me aproximei dela, em busca de um diálogo honesto e aberto. Conversamos, compartilhamos medos, inseguranças e sonhos. Nossas palavras se entrelaçaram em um laço fraterno, capaz de atravessar qualquer obstáculo. Com amor e paciência, conversamos com nossos familiares, compartilhamos essas informações e esclarecemos dúvidas. Juntas/os, iniciamos uma jornada de desconstrução de preconceitos e “abertura de mentes”.

No entanto, o mundo externo ainda era/é/será desafiador. Minha prima enfrentou situações de preconceito e desrespeito na escola onde estava concluindo o Ensino Médio, uma escola cívico-militar. Ali, onde deveria haver o acolhimento e a empatia, encontrou hostilidade e incompreensão. O peso desses momentos difíceis começou a afetar sua confiança e seu bem-estar.

Diante de inúmeras situações constrangedoras/desrespeitosas/criminosas, a escola tomou a decisão de “convidá-la” a se retirar da instituição. Embora a notícia fosse dolorosa, sabíamos que era uma oportunidade para buscar um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Juntas/os, apoiamos minha prima em sua transição para uma nova escola, onde ela pudesse concluir seus estudos em um espaço que valorizasse sua identidade e respeitasse sua jornada. No entanto, toda a situação passada por ela na escola cívico-militar me “atravessou” de uma forma perturbadora, fiquei por dias refletindo qual seria o meu papel e até mesmo minha parcela de culpa diante disso tudo. Por vezes me sentia omissa, mesmo que diretamente não estivesse envolvido em tais situações cotidianas em meu serviço.

Nesse ínterim, confesso que acabei me afastando das salas de aulas e foi como se o destino tivesse traçado uma breve separação entre mim e minha paixão pelo ensino. Foi uma temporada em que senti falta daquele mágico elo com os corações e mentes das/os estudantes, como se uma parte de mim estivesse incompleta.

No entanto, como dizem *“quem nasce para lecionar, a sala de aula sempre nos chama de volta”*. Mesmo durante esse tempo de ausência, o meu propósito como professor permaneceu ardente, aguardando o momento certo para reacender. E então, como se o universo tivesse conspirado em meu favor, a oportunidade de voltar às salas de aula se apresentou diante de mim, com sua doce melodia de possibilidades. As portas se abriram, e lá estava eu, mais uma vez, pronto para abraçar o ofício que tanto amo. Em 2019, fui convidado para

cobrir a Licença Prêmio (LP) de um outro policial que atuava como professor de biologia em uma escola cívico-militar. Com essa experiência, pude perceber inúmeras particularidades estruturais, administrativas e sobretudo pedagógicas desse modelo de gestão escolar.

O ingresso no mestrado intensificou essas tensões e tornou mais visível outra dinâmica formativa: a dialética interioridade/exterioridade (Josso, 2004). As experiências externas: leituras, orientações, entrevistas, exigências institucionais, relações com a banca e com o campo, encontravam uma história já inscrita em mim e eram interpretadas a partir dela. Do mesmo modo, aquilo que eu elaborava internamente retornava ao mundo em forma de perguntas de pesquisa, escolhas teóricas, posicionamentos e escrita. Nesse trânsito, a identidade para si e a identidade para a/o outra/o não aparecem como polos fixos: são continuamente negociadas. Ser professor, militar, pesquisador e sujeito atravessado pelas experiências narradas, exigiu aprender a administrar coexistências que, por vezes, pareciam contraditórias. É nesse sentido que o mestrado pode ser lido como experiência formadora e não somente como etapa de titulação.

Confesso que essa retomada de minha trajetória abriu as portas para uma nova dimensão em nossa pesquisa: uma busca apaixonada pela compreensão das relações de gênero no contexto das escolas cívico-militares. Como um corpo preto e *gay*, nascido e criado em um lar cristão protestante e inserido no meio militar, minha jornada se tornava ainda mais significativa, impulsionando-me a pesquisar e promover a inclusão, a diversidade sexual e de gênero e a valorização da diferença em um ambiente frequentemente percebido como tradicional e conservador.

Essa caminhada encontrou terreno fértil no curso de Mestrado em Educação – Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em que desenvolvi uma pesquisa dedicada a problematizar as experiências, tensões e possibilidades de tratar gênero e sexualidades no espaço escolar militarizado. Entre leituras, entrevistas e análises, pude confrontar minhas próprias vivências com os discursos institucionais e com as narrativas daquelas/es que habitam esse espaço.

Agora, ao compartilhar minha narrativa (auto)biográfica, revisito o percurso acadêmico, as emoções, os desafios e as conquistas que

transformaram esse trabalho e, sobretudo, a pessoa que me tornei nesse processo.

Furacão silencioso: o ritual da defesa

O último mês antes da defesa foi como viver em uma montanha-russa sem freios, com curvas tão abruptas que meu corpo mal conseguia acompanhar. Eu oscilava entre a euforia e o medo, entre a confiança e o vazio. As noites eram longas demais; a mente, um motor elétrico ligado a duzentos volts, rodopiando sem descanso. Precisei buscar refúgio em comprimidos para desacelerar o pensamento, como quem tenta silenciar uma tempestade dentro da própria cabeça.

Revisitado pela pesquisa-formação, esse desejo de controlar cada detalhe também revela marcas de um modelo formativo que frequentemente associa competência acadêmica ao domínio racional, à previsibilidade e ao cumprimento rigoroso de protocolos. O planejamento da defesa, embora necessário, transformava-se em tentativa de reduzir a incerteza própria da experiência. A narrativa permite perceber o limite dessa racionalidade: formar-se também significou aprender que o acontecimento escapa ao roteiro e que emoções, vínculos, imprevistos e vulnerabilidades não são exteriores ao processo de conhecimento. Ao contrário, integram as dimensões existenciais pelas quais atribuímos sentido ao que vivemos (Josso, 2004).

Pedro Lopes, meu marido, fazia o possível para me arrancar desse turbilhão: um filme, um café na varanda, um abraço demorado, mas havia um fio invisível que me mantinha preso ao que estava por vir. Não era só a pressão da defesa: havia também a espera pelos resultados de três seleções de doutorado, cujas respostas chegariam exatamente uma semana antes do grande dia. 20 de dezembro de 2024: uma data tatuada na minha memória, indelével, impossível de apagar por qualquer invenção humana.

Treinei tanto para a defesa que me sentia um ator de novela das nove: sabia o ritmo das pausas, a respiração exata de cada vírgula, a entonação precisa de cada parágrafo. Ainda assim, no fundo, temia que algo escapasse. Então, uma semana antes, o anúncio: aprovado nos três doutorados. Foi como

se a vida tivesse aberto um clarão, uma epifania de alegria visceral que me atravessou de ponta a ponta.

Mas, a vida não gosta de roteiros engessados e eu ainda não sabia disso. Planejei cada detalhe: contratei um *buffet* para que, após a defesa, pudéssemos matar a fome que certamente nos acompanharia. Escolhi os pratos, mandei confeitar um bolo com o topo escrito “Finalmente Mestre” e, escondido na bolsa, um outro topo: “Finalmente Doutorando”, que eu revelaria no instante final, como um truque de mágica que anuncia não apenas o fim de um ciclo, mas o início de outro.

Já havia combinado com minha família que iríamos todas/os juntas/os para a universidade em um único carro. No dia 19, véspera da defesa, fui até o *campus* com minha orientadora, professora doutora. Kelly Almeida de Oliveira, para organizarmos o espaço onde tudo aconteceria. Confesso que tentei fingir estar calmo, como se o dia seguinte fosse apenas mais um compromisso comum. Mas, sinceramente, não creio que tenha sido um bom ator, provavelmente minha ansiedade estava estampada no rosto.

A professora me disse algumas palavras para me tranquilizar. Não consigo lembrar exatamente quais, talvez porque minha mente estivesse tão acelerada que funcionava no modo automático. Eu apenas sorria e assentia, enquanto por dentro parecia que um redemoinho me arrastava.

Não conseguimos organizar e ornamentar a sala naquele momento, pois um evento ainda estava acontecendo no espaço. Fomos informadas/os, porém, que no dia seguinte, logo cedo, a sala estaria liberada para que pudéssemos arrumar tudo antes da defesa. Saí dali com a sensação de que a contagem regressiva havia, de fato, começado.

Na noite anterior à defesa, o sono simplesmente não veio. Preferi não recorrer a nenhum medicamento, com medo de acordar grogue no dia seguinte. Minha casa estava cheia: meu irmão, minha cunhada, meu sobrinho e minha avó dormiram ali comigo, como uma rede silenciosa de apoio. Meu pai, minha mãe e minha irmã, infelizmente, estavam em outro estado e não conseguiriam participar presencialmente. Levantei-me às 4h30, a defesa só começaria às 9h, mas minha mente corria em mil direções: a logística do *buffet*, os objetos para ornamentar a sala, cada detalhe precisava estar perfeito.

Chegamos à universidade por volta das 7h40. Minha orientadora já estava lá, acompanhada de sua mãe, uma amiga querida que havia me apoiado desde o início deste percurso, e do pequeno Lord, seu cachorrinho que parecia perceber a tensão no ar. A sala ainda estava fechada; a pessoa responsável pela chave ainda não havia chegado. Só conseguimos acesso às 8h40, e minha ansiedade já batia forte, como um tambor que não parava.

A organização foi rápida, quase frenética, mas tão prazerosa quanto a sensação de pertencimento. Minha família cuidava da ornamentação, a professora e sua mãe ajustavam detalhes, e meu marido coordenava a chegada do *buffet*. As/Os convidadas/os começaram a chegar, e nós ainda estávamos organizando cada canto da sala.

Foi, então, que a professora Kelly se virou e me disse: *“Vai se arrumar, o pessoal já está chegando”*. Até aquele momento, eu ainda vestia roupas comuns para poder ajudar na arrumação. Pedro e eu fomos ao banheiro, nos ajeitamos com rapidez; ele alinhou minha camisa torta, me olhou nos olhos e disse: *“Não se preocupa, vai dar tudo certo. Vai lá e arrasa”*, e me deu um beijo.

Quando saímos, vi que tudo estava perfeito. Foi ali que minha ficha caiu. Tentava manter a calma, mas por dentro eu era um furacão silencioso. Havia ainda a logística remota a ser conferida, pois dois professores participariam virtualmente da defesa híbrida. Cada detalhe estava prestes a se unir, e naquele instante senti o peso e a beleza de tudo o que havia me trazido até ali.

Minhas/Meus convidadas/os chegavam aos poucos, cumprimentando-me com sorrisos e palavras de incentivo, cada gesto uma âncora que me conectava à realidade enquanto meu coração ainda navegava em um turbilhão de ansiedade. Fui informado que a professora doutora Maria do Carmo, suplente, se atrasaria, e meu peito se contraiu com a apreensão. A sala remota foi aberta, e aos poucos os professores doutores Vicente Aguiar e Joelson Moraes entraram, seguidos por algumas/alguns amigas/os que, mesmo à distância, traziam presença e afeto.

Logo depois, a professora doutora Elizângela Amorim chegou presencialmente, e decidimos criar um ambiente que refletisse tanto nossa pesquisa quanto a celebração daquele momento. Então, colocamos a música *“Exu é Quem Abre os Caminhos”*, de Tainá Santos, uma invocação de força, proteção e abertura de possibilidades. Em seguida, ecoou Lady Gaga, com *“Born*

This Way”, um hino de afirmação e liberdade. Cada nota parecia entrelaçar-se à escrita, como se a própria música estivesse abrindo portas invisíveis, tornando tangível aquilo que havíamos pesquisado e vivido.

É justamente nesse momento que a experiência narrada responde, de modo mais evidente, à questão que orienta este artigo. O conhecimento apresentado na defesa não se constituía à margem de minhas vivências: os dados, os argumentos e as escolhas interpretativas encontravam-se atravessados por uma trajetória que me ensinou a formular determinadas perguntas e a reconhecer determinadas tensões. Isso não significa reduzir a pesquisa à experiência individual, mas reconhecer, como propõe o campo (auto)biográfico, que a produção do saber envolve uma pessoa situada, histórica e relacional.

A defesa tornou visível a passagem de uma identidade imaginada como exclusivamente técnica e racional para uma identidade de pesquisador que reconhece afetos, memórias e posicionamentos como dimensões a serem reflexivamente elaboradas. Nesse sentido, a pesquisa-formação ocorre quando a experiência é interrogada e transformada em saber sobre o próprio processo de formação (Josso, 2004; Delory-Momberger, 2014).

Naquele instante, senti que não era apenas uma defesa acadêmica: era uma cerimônia de reconhecimento, de resistência e de pertencimento, em que cada presença, cada som e cada olhar se combinavam para me lembrar que eu não caminhava sozinho.

A professora Kelly se aproximou de mim e, com seu olhar sereno, informou que iríamos começar. Abriu a seção dando as boas-vindas à minha banca, às/aos amigas/os e às/aos convidadas/os que preenchiam o espaço físico e virtual. Havia ali, em cada rosto, uma mistura de expectativa, carinho e afeto, que parecia sustentar o ambiente. Em seguida, passou a palavra a mim.

Trinta minutos. Esse era o tempo estipulado para defender minha pesquisa. Trinta minutos que, paradoxalmente, se diluíam em segundos. Respirei fundo e comecei cumprimentando minha banca, minhas/meus familiares, amigas/os e todas/os/es que ali estavam. Mas, ao iniciar a introdução, percebi que as palavras cuidadosamente ensaiadas e cada pausa anteriormente memorizadas escapavam entre os dedos como areia. Tudo o que planejei

parecia dissolver-se, e eu precisei encontrar o ritmo no próprio instante, deixar que a fala fluísse como água que corre sem resistência.

Comecei a narrativa da pesquisa, descrevendo o percurso que havia me trazido até ali, o contexto das escolas cívico-militares, e a relevância de compreender as relações de gênero e sexualidade nesse ambiente. Falei da metodologia: entrevistas com docentes, coleta de dados, análises interpretativas e reflexões éticas que configuraram cada decisão. Cada análise apresentada era um diálogo entre minha vivência pessoal e os resultados encontrados, mostrando como a experiência da pessoa pesquisadora se entrelaça com a experiência estudada. À medida que avançava, percebi que a ansiedade cedia lugar a um fluxo de confiança: minha voz carregava argumentos acadêmicos, histórias, afetos e vivências. Cada slide, cada dado, cada reflexão era uma ponte entre o ensaio e a vida, entre a preparação e a realidade que se concretizava ali, naquele instante único e irrepetível.

Minha voz, vez ou outra, se embaraçava, tropeçando em palavras que queriam expressar tudo ao mesmo tempo. Minha mente, numa tentativa quase obsessiva de tornar cada ponto objetivo e completo, ia e voltava nas explicações, como uma onda que se rebola contra a areia antes de se retirar. Cada detalhe que eu lembrava parecia vital, cada argumento, essencial.

Quando finalmente cheguei às considerações finais, percebi que havia ultrapassado um pouco o tempo estipulado. Afinal, como poderia resumir quase dois anos de pesquisa, de leituras, entrevistas, reflexões e descobertas em apenas trinta minutos? Era impossível condensar toda a intensidade de experiências, sentimentos e aprendizados em tão pouco tempo. Mas, ao olhar para minha banca e para os olhos atentos de minhas/meus convidadas/os, senti que a essência havia sido transmitida.

Cada palavra, cada gesto, cada silêncio carregava a trajetória que me trouxe até ali, uma trajetória de coragem, resistência e paixão pelo conhecimento. E, naquele instante, percebi que mais do que cumprir um tempo ou um roteiro, eu estava compartilhando uma história viva, pulsante, que se entrelaçava com minha própria vida e com as vidas que minha pesquisa buscava compreender.

Concluí minha apresentação e passamos para as considerações da banca. Todas/os falaram de forma muito carinhosa e respeitosa. Eu anotava

cada contribuição, mesmo sabendo que tudo estava sendo gravado e que poderia recorrer à gravação posteriormente. Cada comentário parecia um fio delicado, que tecia reconhecimento e incentivo e fortalecia o significado de todo o percurso que havia me conduzido até ali.

Já na fala do segundo professor, percebi que o pessoal do *buffet* ainda não havia chegado, e o tempo se aproximava do fim. Vi meu marido mexer no celular e sair da sala, e soube, imediatamente, que algo havia acontecido. Apesar disso, seguimos adiante, finalizando a sessão com serenidade e atenção a cada palavra.

A professora Kelly, minha orientadora, sempre tão afetuosa e com sua constante maneira de não se prender aos protocolos engessados, optou por não ler a ata. Em vez disso, falou comigo de coração aberto, compartilhando palavras que me tocaram profundamente. Eu já estava com os olhos cheios d'água, sentindo a emoção brotar de reconhecimento e admiração, não apenas acadêmica, mas por uma pessoa que sempre foi/é/será referência profissional e de vida. Nunca esquecerei dessas palavras de afeto:

[...] Eu quero só te dizer rapidamente o quanto é, foi e será gratificante te acompanhar sempre. Muito obrigada por ter me acolhido como sua orientadora. Fico muito feliz por tudo que foi a nossa trajetória [...], tudo aquilo que a gente fez e produziu, mas principalmente pelos afetos que nós nutrimos ao longo desses quase dois anos. Isso me deixa muito feliz e posso dizer, com todas as glórias, honras e pompas, que hoje você é um professor Mestre (Kelly Almeida de Oliveira, 2024).

Ao analisar esse material narrativo no presente, compreendo que a formação produzida pelo mestrado não está só no título obtido ou nos conhecimentos acumulados, mas na transformação das relações que estabeleço comigo, com as/os outras/os e com o próprio conhecimento. As dialéticas propostas por Josso (2004) ajudam a ler esse processo: singularizar-me sem romper completamente com os pertencimentos que me constituem; responsabilizar-me por minhas escolhas reconhecendo as dependências e condições concretas que as atravessam; e articular interioridade e exterioridade na produção de sentidos sobre a experiência. A defesa, nesse enquadramento, funciona como um condensador dessas tensões. Nela, a identidade para si, aquilo que reconheço e projeto como pesquisador e professor, encontra a identidade para a/o outra/o, produzida pelos olhares, avaliações,

reconhecimentos e expectativas da comunidade acadêmica. O caráter formativo da narrativa reside justamente em tornar essa coexistência em um objeto de reflexão.

Naquele instante, toda a tensão, ansiedade e esforço acumulados se transformaram em uma sensação de completude e pertencimento. Não era apenas a defesa de um mestrado; era a celebração de uma trajetória inteira, das lutas e conquistas que me constituíram e que agora se manifestavam, vivas, diante de todas/os/es que me acompanharam. Essas palavras não foram apenas um reconhecimento do esforço acadêmico, foram um abraço estendido à minha jornada, um testemunho de cuidado, de confiança e de respeito mútuo. Elas permanecerão como um farol, lembrando-me de que o percurso da pesquisa não é feito apenas de resultados e prazos, mas também de relações humanas, afetos compartilhados e momentos que transformam o saber em experiência viva.

A experiência de (auto)narrar meu processo formativo e o dia da defesa de mestrado foi como abrir um baú antigo, repleto de memórias cuidadosamente guardadas, mas ainda pulsantes. Ao revisitar esses momentos, revivi emoções que se entrelaçam como fios delicados, alguns tecidos de alegria, outros de tensão, todos compondo o tecido vivo da minha trajetória. Narrar e refletir simultaneamente sobre esse percurso foi um exercício de dupla escuta: ouvir o eco das minhas próprias palavras e, ao mesmo tempo, o murmúrio das emoções que lhes deram origem. Esse mergulho (auto)reflexivo não é simples, ele exige coragem para atravessar águas turvas, tocar cicatrizes e reconhecer que as fragilidades também são matéria de aprendizagem. É um gesto que apenas a narrativa (auto)biográfica permite, pois nela memórias e reflexões dançam juntas, o que evidencia dimensões afetivas e subjetivas que raramente encontram lugar nos formatos rígidos/cartesianos da escrita acadêmica.

A análise das vivências narradas permite responder à questão de pesquisa ao evidenciar que experiências pessoais, afetos e desafios não apenas acompanham a construção do conhecimento acadêmico, mas participam ativamente da maneira como o problema é formulado, como o percurso é significado e como a pessoa pesquisadora se reconhece profissionalmente. O contexto familiar, a escolha pela docência, a experiência militar, os atravessamentos vividos em torno do gênero e da sexualidade, o ingresso no

mestrado e o ritual da defesa compõem uma trama em que a formação e a identidade se produzem reciprocamente.

Ao serem revisitadas, essas experiências deixam de aparecer como episódios justapostos e passam a revelar movimentos de singularização/conformização, responsabilização/dependência e interioridade/exterioridade, mostrando que a identidade profissional docente é construída na negociação permanente entre projetos de si, pertencimentos, condicionantes e reconhecimento das/os outras/os (Josso, 2004).

Ao narrar-me, descubro-me não só pesquisador, mas um ser em permanente (re)construção, forjado na intersecção entre o que vivi/vivo/viverei e o que compreendi/compreendo/compreenderei, entre o que senti/sinto/sentirei e o que aprendi/aprendo/aprenderei. E é nesse entrelaçamento que percebo que minha jornada não termina na defesa de um título, mas se prolonga em cada afeto, em cada reflexão e em cada passo que continuo a dar/dou/darei.

As experiências analisadas também permitem problematizar um modo de formação acadêmica que, historicamente, tende a privilegiar a racionalidade, o desempenho e o controle, separando dimensões que, na existência concreta, estão entrelaçadas. Quando afetos, vínculos, medos, expectativas e vulnerabilidades são tratados como elementos menores, produz-se um engessamento dos modos pelos quais reconhecemos o que conta como formação e conhecimento. A pesquisa-formação desloca essa lógica ao considerar que aprender e formar-se envolve a pessoa em sua integralidade e em suas relações. Sob essa perspectiva, os limites da racionalidade moderna aparecem não como recusa do rigor, mas como crítica à pretensão de que o rigor depende do apagamento da subjetividade.

A experiência do mestrado mostrou o contrário, ou seja, que o rigor, a reflexão, o afeto e a existencialidade podem coexistir na produção do conhecimento (Josso, 2004; Delory-Momberger, 2014).

Narrar para compreender

“Encerramos” este percurso (re)afirmando que narrar a própria trajetória acadêmica é também um exercício de construção e reconstrução de si. Ao visitar memórias, afetos e desafios, recuperamos acontecimentos,

ressignificamos experiências, reconhecendo nelas forças e fragilidades que formatam nosso modo de pesquisar e de estar no mundo. Essa dimensão (auto)biográfica não se restringe ao relato individual: ela se abre ao diálogo com outras pessoas que, de algum modo, compartilham caminhos semelhantes, pois admite que cada história carrega não apenas marcas singulares, mas também pontos de encontro.

A reflexão proposta neste artigo evidencia que a produção de conhecimento não é um ato neutro ou distante. Pelo contrário, ela está imersa nas vivências de quem pesquisa, nos atravessamentos emocionais e nos contextos sociais e culturais que permeiam cada etapa do trabalho acadêmico. Nesse sentido, a trajetória aqui narrada é também um testemunho da potência que reside em reconhecer os afetos como parte constitutiva da pesquisa, não como elementos acessórios, mas como motores de engajamento e sentido. Ao rememorar o dia da defesa, transformamos um evento formal e institucional em um rito de passagem carregado de significados subjetivos.

Esta narrativa mostra que momentos como esse condensam anos de estudo, expectativas e tensões, e tornam-se oportunidades para compreender o que aprendemos intelectualmente e quem nos tornamos no processo. É nessa interseção entre o acadêmico e o pessoal que se revela o valor da pesquisa enquanto experiência transformadora.

As contribuições desta reflexão ultrapassam os limites destes relatos, pois apontam para a importância de se valorizar a dimensão humana na formação de pesquisadoras/es. Reconhecer a presença dos afetos e das histórias de vida na produção científica pode ampliar horizontes metodológicos, favorecer práticas mais éticas e promover a construção de saberes comprometidos com a realidade e com a pluralidade de perspectivas.

Infelizmente, nossas academias e, de forma ainda mais evidente, os programas de pós-graduações (PPG's), operam dentro de uma lógica que afasta os afetos do fazer acadêmico, como se os sentimentos, os vínculos e as emoções fossem elementos menores ou irrelevantes na produção do conhecimento. Essa postura cria um ambiente em que a racionalidade é supervalorizada, enquanto a dimensão sensível da experiência é silenciada ou invisibilizada. No entanto, é justamente nos encontros, nas trocas humanas e na escuta sensível que muitas potências transformadoras da pesquisa se

manifestam. Ignorar o afeto é também abrir mão de uma parte fundamental da própria construção do saber, pois ele é capaz de alimentar o compromisso ético, a criatividade e a força para seguir diante dos desafios inerentes ao percurso acadêmico.

Por vezes não damos conta de como fomos “treinadas/os” a lembrar apenas das críticas, das sugestões, das correções que nos foram lançadas ao longo dos processos formativos, seja nas qualificações, nas defesas de TCC, de mestrado ou doutorado. Quando resgatamos essas memórias, muitas vezes o que aflora não são as delicadezas do percurso, mas os infortúnios: os “baques” recebidos, os obstáculos atravessados, as exigências que nos pareceram maiores que nós mesmas/os. Nessas ocasiões, aprendemos a registrar apenas o que, em tese, era/é/será “importante”: as lacunas apontadas, as falhas destacadas a partir do chão em que cada professor ou professora pisa, as “sugestões” que, mais do que sugestões, tornam-se quase imposições.

Raramente, contudo, anotamos aquilo que também foi/é dito: as palavras de incentivo, os elogios sinceros, os reconhecimentos silenciosos do valor de nossas pesquisas. E esse “esquecimento” não é mero acaso: demonstra o modo como a própria academia nos configura, ao nos ensinar a dar mais peso ao erro do que ao afeto, mais lugar à falta do que à potência.

Nesse processo, vamos sendo esculpidas/os a não perceber o cuidado/afeto como parte constitutiva desse espaço, como se a ternura e a celebração não pudessem conviver com o rigor científico. Desse modo, sem que percebamos, o afeto é relegado à margem, quando na verdade, ele também é memória, também é formação, também é ciência.

Assim, este artigo se encerra não como um ponto final, mas como um convite à continuidade: que mais narrativas acadêmicas se permitam ser atravessadas por memórias, afetos e subjetividades, transformando a pesquisa em um campo em que a razão e a emoção dançam juntas. Afinal, compreender a própria trajetória é também um passo essencial para compreender o mundo e contribuir para transformá-lo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004. PUCRS, 2004.

ANDREWS, M.; SQUIRE, C.; TAMBOUKOU, M. **Doing narrative research**. London: SAGE, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. O Narrador. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. **A invenção do ser: A autobiografia e suas formas**. In: Olson, D. R.; Torrance, N. Cultura escrita e oralidade. pg. 141-161. São Paulo: Ática, 1995.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

EMICIDA. AmaRelo. Intérprete: Emicida. Sample: **Sujeito de Sorte** – Belchior, Com Majur e Pablo Vittar. In: AMARELO. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.

FERREIRA, Jhonatan Wendell Tavares. **Corpos (In)Dóceis: diversidade sexual e de gênero em uma escola cívico-militar no Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Educação – Gestão de Ensino da Educação Básica). Universidade Federal de Maranhão, 2024.

GAGA, Lady. **Born This Way**. No álbum Born This Way. Compositores: Stefani Germanotta, Jeppe Laursen. 2011. Música. Duração: 4:20.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

MORAIS, Joelson de Sousa. **Porque escolher a narrativa (auto) biográfica na vida, pesquisa e formação? Algumas provocações**. In: MORAIS, Joelson de Sousa; BRITO, Antonia Edna; SOARES, Francisco Marcos Pereira. (Orgs.) Curitiba-PR, Editora Bagai, 2024.

SANTOS, Tainá. **Exu é Quem Abre os Caminhos**. Gravado por Tainá Santos. No álbum Tambores que Cantam. 2021. Música. Duração: 2:39 minutos.

Editor(a) responsável: Magda Floriana Damiani

Recebido em: 10/10/25

Aceito em: 01/09/26

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

Doutorando em Educação pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor substituto da UFMA.

 Jhon_jhonys@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/5782055032870161>

 <https://orcid.org/0009-0006-5754-7666>

Kelly Almeida de Oliveira

Doutora em Educação em Ciências e Matemática (UFMT). Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. É Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Gestão do ensino da Educação Básica (PPGEEB) da UFMA/São Luís e Professora permanente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFMA/ São Luís. Professora Visitante no Programa de Doutorado EDUCANORTE pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

 ka.oliveira@ufma.br

 <http://lattes.cnpq.br/6665636259576060>

 <https://orcid.org/0000-0002-9397-3607>

Joelson de Sousa Moraes

Doutor em Educação (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/UFMA, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE)/UFMA - Campus Imperatriz-MA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB)/UFMA-Campus Codó.

 joelson.morais@ufma.br

 <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860>

 <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

Waldênia Leão de Carvalho

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE).

 waldenia.leao@upe.br

 <http://lattes.cnpq.br/5138329340601355>

 <https://orcid.org/0000-0003-4477-5353>